

Reflexões sobre o destino de Charles Baudelaire segundo a filosofia sartriana de 1947

Doutorando André Christian Dalpico (UFSCAR) ¹

Resumo:

*O objetivo do artigo é refletir sobre o destino de Charles Baudelaire (1821-1867) segundo a filosofia sartriana de 1947. Em face disso, buscar-se-á uma linha de raciocínio que se desdobrará em dois planos. O primeiro especificará o destino do autor de *As flores do mal* e para tanto será necessário remontar a sua infância. O segundo demonstrará a reação de Charles Baudelaire perante o destino que lhe foi apresentado. Trata-se, antes de tudo, de uma reação que o tornará responsável pela manutenção da ordem vigente no mundo. Convém observar que os núcleos dos dois pressupostos estão contidos no ensaio Baudelaire.*

Palavras-chaves: destino, mundo, criação e responsabilidade.

Introdução

Baudelaire foi o primeiro ensaio que J.-P.Sartre dedicou a alguns mestres da literatura francesa ¹ (os outros foram: *Saint Genet – comédien et martyr*, *Mallarmé* e *L'idiot de la famille*). Sabe-se que foi rejeitado por grande parte da crítica literária francesa por ter ignorado o **fato poético** de Charles Baudelaire. Aliás, o próprio J.-P.Sartre reconheceu que este texto não retratou adequadamente os fatos históricos da vida de Charles Baudelaire por desconhecer a fecundidade do materialismo marxiano ². À margem disto, deve-se expor os dois motivos que o transformaram num marco da bibliografia baudelariana: enquanto o primeiro foi a reconstituição da **experiência** do autor de *As flores do mal*, o segundo foi a publicação de algumas **correspondências** suas.

1 O destino de Charles Baudelaire

Uma forma adequada para conhecer o destino de Charles Baudelaire é remontar a sua infância. De início, é preciso assinalar que ele foi feliz durante os sete primeiros anos de sua vida pelo fato de ter se unido espiritualmente à Caroline Archimbaudt-Dufaÿs. Para J.-P.Sartre, tal união era sagrada, porque revelava a idolatria do jovem poeta francês por sua genitora: « *On ne saurait mieux rendre le caractère sacré de cette union: la mère est une idole, l'enfant est consacré par l'affection qu'elle lui porte* » ³. Todavia, ela dissolveu-se em novembro de 1828 com o casamento de Caroline Archimbaudt-Dufaÿs com o general Jacques Aupick. Sabe-se que este acontecimento antecipou a entrada de Charles Baudelaire no **mundo da singularidade** e o condenou ao isolamento temporário. No entanto, esse fato não foi responsável pelo seu **projeto original** de isolar-se definitivamente

¹ Sartre, J.-P. *Introduction à Baudelaire - écrits intimes*. Paris: Point du Jour, 1946. Utilizaremos neste trabalho o ensaio *Baudelaire*. Paris: Gallimard, 1947.

² Cf. *Les écrits de Sartre*, p. 143.

³ “Não se poderia representar melhor o caráter sagrado desta união: a mãe é um ídolo, a criança é consagrada pela afeição que a mãe lhe dedica” (Sartre, 1947, p.18).

dos seus pares: « *Délaissé, rejeté, Baudelaire a voulu rependre à son compte cet isolement. Il a revendiqué sa solitude pour qu'elle lui vienne au moins de lui-même, pour n'avoir pas à la subir* »⁴.

A forma que Charles Baudelaire encontrou para realizar seu **projeto original** foi alterar o movimento de totalização da consciência. Segundo J.-P. Sartre, esse movimento ocorre quando a consciência capta a si mesma como não-reflexividade ao intencionar um objeto transcendente⁵. Porém, o poeta francês o alterou quando apreendeu a si próprio como reflexividade (ao visar um objeto transcendente). Assim, ele consolidou a fórmula universal abstrata $Eu=Eu$ e se afastou dos seus pares, pois totalizou a consciência sem a presença da alteridade. Mais do que isso: ele finalmente conseguiu satisfazer seu desejo narcisístico de « *regarde pour se voir regarder* »⁶. Contudo, deve-se observar que esta satisfação não durou muito tempo devido à impossibilidade de Charles Baudelaire “enxergar seus próprios olhos”⁷. De certo modo, isto o obrigou a reconhecer a importância da alteridade no movimento de totalização da consciência.

Nota-se, portanto, que Charles Baudelaire fracassou na tentativa de efetivar seu **projeto original** no interior da História⁸. Todavia, isto não o motivou a ter uma atitude contemplativa diante da totalidade do mundo. Muito pelo contrário: pode-se dizer que este fracasso o fez compreender a verdadeira eficácia da ação. Sabe-se que essa eficácia está contida « *dans la chaîne des effets et des causes* »⁹. O que isto quer dizer? Grosso modo, que o valor da ação está contido no elemento que ela revela ao longo de sua execução e não no resultado que produz. Para J.-P. Sartre, esse elemento deve chamar-se **transcendência**, já que representa a capacidade humana de superar o passado em prol do futuro. Convém observar que ele é radicalmente diferente do futuro realizado (transdescendência), pois do contrário perderia o seu poder de superar o estado passado. Em face do exposto, não é errôneo acrescentar que Charles Baudelaire compreendeu que estava destinado a transcender o passado tendo em vista a realização do futuro.

2 A reação de Charles Baudelaire perante o seu destino

Decerto, alguém poderia argüir o seguinte: qual foi a reação de Charles Baudelaire após ter descoberto seu destino? Talvez uma forma interessante para responder tal questão seja realizar uma reflexão sobre o conceito de natureza. Para Charles Baudelaire, tanto quanto para Pascal, a natureza representa um mecanismo corrompido que obriga o homem a cumprir determinadas funções, tais como dormir e copular: « *La nature n'enseigne rien, ou presque rien, c'est-à-dire qu'elle contraint l'homme à dormir, à boire et à manger* »¹⁰. Por esta razão, ele institui um artifício visando eliminar a corrupção encontrada na natureza desde o aparecimento do pecado original. Trata-se do dandismo, ou melhor, do processo criativo onde o homem imprime seu pensamento na matéria. De certo

⁴ “Baudelaire desejou retomar este isolamento em benefício próprio (mesmo desamparado e rejeitado). Reivindicou sua solidão para que ao menos ela viesse de si mesmo, ou melhor, para que não tivesse de suportá-la (Sartre, 1947, pp.19-20).

⁵ Cf. *A transcendência do ego*, pp. 46-48.

⁶ “olhar para se ver olhando” (Sartre, 1947, p.23).

⁷ Cf. *Baudelaire*, p. 26.

⁸ « L'Histoire: subjectivité sans sujet; conscience sans translucidité; objectivité au sein du subjectif; subjectivité agissant par objectivité; intérêt mué en valeur, valeur dégradée en intérêt; économique décidant l'idéologie; idéologie décidant du sens de l'économique; répétition dans ce qui ne se répète jamais; universel dans le singulier; singulier dans l'universel ». “A História: subjetividade sem sujeito; consciência sem translucidez; objetividade no seio do subjetivo; subjetividade agindo pela objetividade; interesse movido em valor, valor degradado em interesse; o econômico decidindo a ideologia; a ideologia decidindo o sentido do econômico; repetição daquilo que não se repete jamais; universal no singular; singular no universal” (Sartre, 1983, p.51).

⁹ “na cadeia dos efeitos e das causas” (Sartre, 1947, p.42).

¹⁰ “A natureza não ensina nada ou quase nada, ou seja, ela constrange o homem a dormir, beber e comer” (Baudelaire, apud Junqueira, 1985, p.55).

modo, pode-se dizer que ele se aproxima do sonho marxiano de fundar uma *antyphisis*¹¹, visto que estabelece uma ordem humana radicalmente oposta as leis do mundo natural. Entretanto, é inexato acrescentar que o dandismo baudelaireano propõe uma nova escala de valores (tal como faz a dialética marxiana).

De acordo com J.-P.Sartre, o maior equívoco do dandismo baudelaireano é desconhecer a capacidade criativa do homem. Decerto, ele descreve como a condição humana pode imprimir seu pensamento na matéria, sobretudo na produção de obras artísticas; porém, o dandismo baudelaireano não destaca como o trabalho humano pode transformar a natureza ao lhe conferir uma nova constituição. Assim, ele não consegue mostrar que a **verdadeira criação humana** no mundo é a realização de uma nova escala de valores onde o trabalho representa o Bem transcendente. Muito pelo contrário: pode-se assinalar que o dandismo baudelaireano reconhece o valor moral absoluto do mundo natural, já que deseja somente corrigir suas imperfeições.

Referências bibliográficas

Obras consultadas de J.-P.Sartre:

- [1] *A conferência de Araraquara - Filosofia marxista e ideologia existencialista*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Unesp, 1987.
- [2] *A imaginação*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Difel, 1964.
- [3] *A náusea*. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.
- [4] *A transcendência do ego*. Tradução de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Colibri, 1994.
- [5] *Baudelaire – précédé d’une note de Michel Leiris*. Paris: Gallimard, 1947.
- [6] *Cahiers pour une morale*. Paris : Gallimard, 1983.
- [7] *Critique de la raison dialectique. Tome I - Theorie des ensembles pratiques*. Paris: Gallimard, 1960.
- [8] *Critique de la raison dialectique. Tome II (inachevé) – L’intelligibilité de l’Histoire. Établissement du texte, notes et glossaire par Arlette Elkaim-Sartre*. Paris: Gallimard, 1985.
- [9] *L’être et le néant - Essai d’ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.
- [10] *L’imaginaire - Psychologie phénoménologique de l’imagination*. Paris: Gallimard, 1948.
- [11] *O Marxismo e existencialismo - Controvérsia sobre a dialética*. Tradução de Luiz Serrano. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1966.
- [12] *O existencialismo é um humanismo*. Coleção os Pensadores. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- [13] *Sartre - Situations philosophiques*. Paris: Gallimard, 1990.
- [14] *Vérité et existence*. Paris: Gallimard, 1989.

¹¹ Cf. Baudelaire, p. 96.

Outras obras consultadas:

- [1] AUDRY, Colette. *Sartre et la réalité humaine*. Paris: Seghers, 1966.
- [2] BATAILLE, Georges. *La literatura y el mal*. Tradução de Lourdes Ortiz. Madrid: Taurus, 1977.
- [3] BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Introdução e tradução de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- [4] BOËCHAT, Neide Coelho. *As máscaras do cogito – A interpretação da realidade humana pela ontologia fenomenológica de Jean-Paul Sartre*. Rio de Janeiro: Nau, 2004.
- [5] BORNHEIM, Gerd A. *Duas palavras para uma apresentação desnecessária*. Prefácio do tomo I da *Crítica da razão dialética*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- [6] _____. *Sartre – Metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- [7] CHIODI, Pietro. *Sartre y el marxismo*. Tradução de Santiago Mir Puig. Barcelona: Oikos-Tau, 1969.
- [8] COELHO, Ildeu Moreira. *Sartre e a interrogação fenomenológica do imaginário*. São Paulo: Tese de Doutorado da USP, 1978.
- [9] COLLINS, Douglas. *Sartre as biographer*. Harvard: Harvard University Press, 1980.
- [10] COLOMBEL, Jeannette. *Sartre ou le parti de vivre*. Paris: Bernard Grasset, 1981.
- [11] CRANSTON, Maurice. *Sartre*. Tradução de Octavio Alves Filho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- [12] HOWELLS, Cristina. *Sartre*. New York: Cambridge University Press, 1992.
- [13] INVITTO, Giovanni. *Sartre: dal « gioco dell'essere » al lavoro ermeneutico*. Milano: Franco Angeli, 1988.
- [14] JEANSON, Francis. *El problema moral y el pensamiento de Sartre*. Tradução de Alfredo Llanos. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1968.
- [15] _____. *Sartre*. Tradução de Elisa Salles. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1987.
- [16] JOANNIS, David Guy. *Sartre et le problème de la connaissance*. Sainte-Foy: P.U.L, 1997.
- [17] JUNQUEIRA, Ivan. Introdução *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- [18] MARFELLA, Salvatore. *Il Baudelaire di Sartre: un uomo in fuga dalla libertà*. Lyon: Revue Sens Public (www.sens-public.org), nº10, 2007, pp.1-31.
- [19] MÉSZAROS, István. *A obra de Sartre*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Tupi, 1991.
- [20] MORAVIA, Sérgio. *Sartre*. Tradução de José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, s.d.
- [21] PERDIGÃO, Paulo. *Existência & liberdade*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- [22] RENAULT, Alain. *Sartre - Le dernier philosophe*. Paris: Bernardt Grasset, 1993.
- [23] RYBALKA, Michel & CONTAT, Michel. *Les écrits de Sartre – chronologie et bibliographie commentée*. Paris: Gallimard, 1970.

- [24] SCHAFF, Adam. *Marxismo e existencialismo*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.
- [25] SEEL, Gerhard. *La dialectique de Sartre*. Tradução de E. Müller, Ph. Müller e M. Reinhardt. Lausanne: L'Âge d'Homme, 1995.
- [26] RYBALKA, Michel & CONTAT, Michel. *Les écrits de Sartre – chronologie et bibliographie commentée*. Paris: Gallimard, 1970.
- [27] TENENTI, Alberto. *Dalle rivolte alla rivoluzioni*. Bologna: Mulino, 1997.

Autor

¹ **André Christian DALPICOLO, Doutorando**
Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR.
Email: andré_dal@hotmail.com.